

Contágio entre pessoas que moram no mesmo endereço é comum, principalmente quando há contato com alguém que saiu do domicílio. Quem não tem condições de se manter isolado deve se atentar às medidas de segurança sanitária para proteger os demais moradores

Risco de infecção em casa também é elevado

Marcelo Ferreira/CB/D.A Press

» ANA ISABEL MANSUR

Oito meses isolada em casa, mas bastou uma ida ao banco para a servidora pública Karoline Militão Santos, 40 anos, contrair a covid-19. Mesmo com todos os cuidados, ela teve de resolver um problema na conta-corrente, em novembro, e acabou infectada pelo novo coronavírus. O caso é exceção, mas muitos têm permanecido alheios às medidas protetivas e levado o vírus para casa. Enquanto isso, as projeções de especialistas indicam que abril, no pior cenário, superará o número de mortes pela doença verificado no mês passado, período mais letal da pandemia.

Karoline mora em um apartamento em Águas Claras com a mãe, Alzemile, 63 — diagnosticada com Parkinson —, e a avó, Alzenir, 84 — que, além de idosa, é cardiopata. A servidora pública precisou se isolar delas, além de manter um regime de atenção máxima, com cuidados redobrados por, ao menos, um mês. Karoline teve apenas sintomas leves da doença, como perda de olfato e febre. No entanto, a dificuldade para sentir cheiros permanece até hoje.

As medidas adotadas garantiram que Alzemile e Alzenir não se infectassem, mesmo dividindo o apartamento com Karoline. “Desde o início da pandemia, ela está trabalhando de casa, justamente para não nos expor”, conta Alzemile. “Ela (Karoline) tem muito medo de eu e minha mãe adoermos. Nós duas ficávamos em um quarto, e minha filha, em outro. Não nos encontrávamos pela casa, e ela nos avisava por mensagem quando saíria do quarto. Nós duas fazíamos a mesma coisa. Quando precisava sair, a Karoline pegava álcool e borrifava em tudo por onde passava: nas paredes, maçanetas, nos objetos. Não usávamos o mesmo banheiro, e ela comia em local separado de nós”, completa a professora aposentada.

A família estava em casa desde o início da pandemia e saía apenas para o indispensável. “Quando precisamos descer aqui no condomínio, usamos duas máscaras sempre. Pedimos as compras básicas ou, às vezes, alguém da família faz e deixa para nós. Não recebemos ninguém em casa e continuamos com todos os cuidados, mesmo depois de minha filha ter adoecido”, ressalta Alzemile. Para alívio das três, Alzenir recebeu a vacina contra a covid-19 recentemente. Ainda assim, elas continuam a respeitar as medidas sanitárias de maneira estrita.

Ciclo viral

Mesmo quem está em isolamento desde o início da pandemia da covid-19 corre risco de se contaminar caso haja abrandamento dos cuidados, alertam especialistas. Entretanto, nem todas as pessoas têm condições de se manter em isolamento, de trabalhar em casa, de morar em um imóvel com ventilação e espaço adequados ou de ter acesso aos equipamentos de proteção individual adequados para se resguardar ao sair quando necessário.

Infectologista do Hospital Brasília, André Bon explica que, em casa, o risco de contaminação pode ser alto. “É um ambiente relativamente fechado, em que as pessoas ficam muito próximas umas das outras. O ideal, se possível, é que as pessoas fiquem em locais diferentes, casas ou cômodos. No caso do cômodo, sempre que for necessário andar pelo imóvel,



Alzenir (E) mora em Águas Claras com a filha, Alzemile (D), e a neta, Karoline, que se infectou pelo novo coronavírus; nenhuma das duas ficou doente



Três dias antes de começar a manifestar qualquer sintoma, a pessoa tem capacidade para transmitir a doença. No convívio familiar, muitas vezes antes dos sintomas, ocorre a contaminação”

Werciley Junior, infectologista



deve-se usar máscara. O mesmo vale para os outros moradores. Todos devem higienizar bem as mãos com álcool em gel ou água e sabão, bem como manter o distanciamento social”, aconselha.

O infectologista Werciley Junior, chefe da Comissão de Controle de Infecção Hospitalar do Hospital Santa Lúcia, destaca que o ciclo viral em pessoas que não apresentam sintomas dura de cinco a 14 dias. Nesse período, pode haver transmissão da doença. Nos casos de pessoas sintomáticas, o vírus pode ser repassado antes de os primeiros sinais da covid-19 aparecerem. “Três dias antes de começar a manifestar qualquer sintoma, a pessoa tem capacidade para transmitir a doença. No convívio familiar, muitas vezes antes dos sintomas, ocorre a contaminação. É muito difícil bloquear isso dentro de casa, porque a pessoa só vai desconfiar (que está doente) se teve contato direto com alguém que sabia que estava infectado ou se apresentar sintomas. Nesse cenário, houve tempo para infectar (outras pessoas)”, destaca.

Dois policiais mortos em 24 horas

» ANA MARIA CAMPOS
» DARCIANNE DIOGO

Entre sábado e a manhã de ontem, a covid-19 matou mais dois policiais civis. O agente Carlos Antônio de Oliveira, 55 anos, estava internado no Hospital Brasília, no Lago Sul, mas não resistiu ao avanço do quadro doença. Ele morreu no sábado. O agente atuava na 23ª Delegacia de Polícia (P Sul), mas começou a carreira como escrivão. Além dele, morreu Everton Gonçalves dos Reis, 40, na manhã de ontem. Ele trabalhava como chefe de uma das equipes de plantão da 20ª DP (Ga-

ma) e estava internado em um hospital do DF havia alguns dias.

Alex Galvão, presidente do Sindicato dos Policiais Cíveis do Distrito Federal (Sinpol-DF), divulgou nota em que pediu mais atenção aos integrantes da instituição e vacinação ampla das forças de segurança contra a covid-19. “Perdemos mais dois. E em 24 horas. Dois jovens policiais. Dois talentos que contribuíam para um Distrito Federal mais justo e seguro. Isso não pode passar batido. Existe um des-caso conosco que não aceitaremos mais. Quantos mais precisarão morrer para o Estado olhar para nós com a atenção devida? Pre-

cisamos de vacina, sim, mas, também, de cuidado. Pois, se não cuidarem de nós, como cuidaremos de todos?”, questionou.

Na Polícia Civil do DF, mais de 650 se infectaram pela covid-19 desde o começo da pandemia, sendo que 16 morreram — cinco da ativa e 11 aposentados. A vacinação dos profissionais das forças de segurança começou em 5 de abril. Na primeira etapa, 350 receberam o imunizante, a começar pelas que atuam diretamente nas ações sanitárias de combate à pandemia, além de funcionários que trabalham nos plantões das delegacias comuns e especializadas.

Fotos: Reprodução



Everton (E) e Carlos Antônio trabalhavam na 20ª Delegacia de Polícia (Gama) e na 23ª DP (P Sul), respectivamente

» Palavra de especialista

Transmissão por aerossóis

A pessoa que sai de casa para trabalhar ou por necessidades básicas aumenta muito o risco de se infectar. É preciso ficar muito atento para onde se vai, porque alguns pontos são mais críticos. Locais fechados, via de regra, não têm ventilação adequada e apresentam concentrações muito altas de aerossóis que transmitem a covid-19. Se for a algum local assim e não usar máscaras adequadas — como o modelo PFF2, N95 ou uma combinação de máscara cirúrgica sob uma de pano — há grandes chances de contaminação com esses aeros-

sóis, porque a inalação não é evitada apenas com distância de dois metros entre as pessoas nem com máscaras de pano, apenas. Passar mais de 15 minutos em um local fechado aumenta muito a probabilidade de infecção. Hoje, a principal fonte de transmissão para pessoas isoladas por meses em casa, como idosos, são visitas de netos, sobrinhos, filhos ou amigos próximos. A pessoa costuma entrar, tirar a máscara e não manter o distanciamento, porque há uma falsa ideia de que não há risco de infecção ali. É preciso evitar receber pessoas,

mas, se necessário, deve-se evitar rituais de familiaridade, como se não houvesse pandemia. O anfitrião e a visita precisam manter distância e as máscaras — que têm de ser de boa qualidade. Se retirarem a máscara, para comer ou beber, devem fazê-lo em períodos diferentes e em cômodos separados, assim como os profissionais de saúde da linha de frente, pois a circulação do vírus está elevadíssima.

José Davi Urbaz, médico e diretor científico da Sociedade de Infectologia do Distrito Federal

Mais 45 vítimas confirmadas

A Secretaria de Saúde do Distrito Federal (SES-DF) registrou mais 45 mortes por covid-19 ontem. Com isso, o total de infectados pela doença subiu para 6.754. Além disso, com 1.361 casos confirmados em 24 horas, o total de notificações chegou a 359.122. A média móvel de óbitos subiu 24,2% em relação a 14 dias atrás. Em relação às notificações, houve queda de 17% na comparação com o mesmo período.

Das 45 mortes registradas, oito ocorreram ontem, e 30, no sábado. Quatro pessoas morreram na sexta-feira e uma, na quinta. As demais vítimas morreram entre 19 e 23 de março. Seis vítimas moravam em Goiás, e uma era da Bahia.

A última atualização do portal da SES-DF que informa a situação das unidades de saúde para atendimento de pacientes com covid-19 ocorreu ontem, por volta das 18h. O site mostrou que havia, na rede pública de saúde, 12 leitos em unidades de terapia intensiva (UTI) reservados a pessoas infectadas pelo novo coronavírus. A ocupação representava 97,22% do total. Nos hospitais particulares, havia apenas uma vaga desse tipo. A fila de espera por uma UTI no Sistema Único de Saúde (SUS) tinha 263 pacientes.

Em relação à campanha de vacinação, a SES-DF vacinou mais 166 pessoas com a primeira dose, ontem. Com isso, o total de pessoas que receberam ao menos uma aplicação de imunizantes no DF ficou em 326.408 — 10,7% da população da capital federal. As pessoas que tomaram as duas doses somam 100.248 — 30,7% dos que haviam sido vacinados com a dose um. Na mesma data, houve aplicação de 287 unidades do reforço. (AIM)

» Atenção

Confira dicas de profissionais da saúde para evitar transmitir o vírus em casa:

» Mantenha a higiene das mãos o tempo todo, lavando com água e sabão ou usando álcool em gel. Em casa, esse procedimento é necessário ao tocar objetos de uso compartilhado, principalmente se alguém tiver tido contato com pessoas de fora;

» Assim que perceber qualquer sintoma, isole-se em um cômodo ou outra casa, se possível;

» Mantenha distância de pessoas doentes e os ambientes sempre ventilados;

» As chances de contaminação por roupas e objetos como sapatos são muito pequenas. Mas higienizar esses itens é mais uma maneira de se proteger;

» Tanto a pessoa doente quanto os demais moradores devem usar máscaras dentro de casa. Dê preferência às cirúrgicas, com três camadas de proteção, ou a alguma que vede bem a região do nariz e da boca — sem serem modelos com filtro, costuras ao meio ou feitas em material elástico.